

Reflexões sobre o Conceito de Liberdade na Filosofia e sua Possível Efetivação na Práxis Social da Vida Humana

Luiz Carlos Bento*

Resumo: Este Artigo busca, em linhas gerais, fazer uma análise breve do desenvolvimento do conceito de liberdade no campo da filosofia, refletindo sobre algumas correntes teóricas que identificam o conceito de liberdade à ideia de necessidade fazendo um contraponto com os teóricos que identificam o conceito de liberdade com a idéia de auto-superação e de afirmação da vontade. Trata-se de um texto em forma de crônica que embora seja antecedido por uma hermenêutica prévia das obras citadas, não pode ser tomado como uma pesquisa acabada, mas sim como um convite ao debate ou, por que não dizer, uma provocação.

Palavras-chave: Liberdade, Vontade, Necessidade, Consciência e Ação.

Abstract: This article seeks to broadly make a brief analysis of the development of the concept of freedom in the field of philosophy, reflecting some theoretical currents that identify the concept of freedom to the idea of need by making a counterpoint with the theorists that identify the concept of freedom with the idea of self overcoming and affirmation of the will. It is a text in the form of a Chronicle, although it is preceded by a hermeneutics of the cited works cannot be taken as a finished research, but rather as an invitation to discussion or why not say a provocation.

Keywords: Freedom, Desire, Need, Awareness and Action.

* Doutorando em Historiografia Brasileira pela Universidade Federal de Goiás e professor de Metodologia e Pesquisa Histórica na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Coxim/MS.

Em nossa contemporaneidade enfrentamos um problema que é real e crescente e que, gradativamente, vem ganhando força, impulsionado pelas novas exigências da economia globalizada e pelas necessidades crescentes do capital. Os grandes filósofos do século XIX a sua maneira, denunciaram o processo de descaracterização do humanismo da cultura clássica, em detrimento de um comportamento individualista desinformado e quase insano, pois é quase sempre destituído de consciência acerca de suas próprias orientações.

Este comportamento individualista, pequeno burguês ao largo de mais de um século de hegemonia, criou uma sociedade fortemente estruturada em torno do ideal benthaniano de utilitarismo. Bem ou mal, este princípio perpassa a maioria das relações sociais em nossa época. Altruísmos a parte, vivemos atualmente em um mundo vazio de ideais coletivistas e humanitários, onde a maioria dos indivíduos não são capazes de refletirem sobre os seus próprios papéis no mundo.

Se tomarmos tal realidade como fato, nos resta apenas indagar sobre as condições históricas que tornaram esta situação possível. Para respondermos a esta indagação, utilizaremos o princípio maiêutico da filosofia socrática, impondo algumas indagações e apreciando-as a luz de uma reflexão filosoficamente direcionada.

O que é importante para os homens no século XXI? Quais conquistas devemos reconhecer? Quais obstáculos ainda devemos superar? Qual o perfil do homem do terceiro milênio? Qual o papel da educação em meio a este problema? É óbvio que estas questões não possuem um sentido essencialista de querer buscar uma resposta definitiva para as problemáticas levantadas, elas servem apenas como um convite à reflexão e irão nos orientar ao longo desta discussão sobre os sentidos da liberdade no mundo contemporâneo, exercendo em linhas gerais uma função retórica que pretendemos desdobrar ao longo do texto.

Vivemos inegavelmente uma época ímpar na história humana e conseguimos progressos incríveis em diversos campos do conhecimento que elevaram a vida humana a patamares nunca antes imaginados. Inegavelmente a robótica, a informática, a genética e a nanotecnologia promoveram uma revolução nas formas de viver, agir e pensar dos indivíduos no século XXI. Vivemos o século da informação rápida, fácil e segura, porém, na contramão desta época encontramos um niilismo profundo que inunda e degenera a maioria dos indivíduos. Em linhas gerais, podemos dizer que vivemos na era da informação desinformada.

É quase inconcebível que em um mundo onde as informações estão plenamente disponíveis encontremos pessoas, e não são poucas, que não são capazes de se posicionar de forma fundamentada sobre questões que são inerentes ao seu próprio cotidiano. Para entendermos esta situação devemos olhar além da névoa das aparências ideologicamente constituídas, para podermos compreender o processo de esvaziamento e de desvalorização sofridas pela educação nos últimos decênios.

Para Homero¹ os deuses invejam os homens por que em função dos homens serem mortais tudo no mundo humano é único, pois tudo passa. Desta forma, os homens experimentam sensações que os deuses, por serem imortais, jamais conseguirão experimentar, pois como a vida humana é finita, tudo, cada gesto, ação, amor, experiência ou sentimento podem ser os últimos e por isso mesmo são revestidos de um valor inestimável. Para os homens da Grécia Clássica o tédio não deveria existir, pois cada dia que se iniciava poderia ser o último e por isso mesmo deve ser vivido com uma intensidade que só a contingencialidade da vida humana pode oferecer. Neste sentido, podemos aferir que a experiência da morte impele o homem à vida.

¹ HOMERO. **Ilíada**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro:Ediouro 2005.

A filosofia já demonstrou no mais tardar desde Aristóteles, que o que diferencia os homens dos demais seres vivos é a sua capacidade de pensar racionalmente e de refletir de maneira criativa sobre os objetos que compõem o mundo a sua volta. A reflexão criativa, o pensamento racional e o trabalho são condições inerentes a nossa própria condição de seres humanos. Ser humano é ser racional e projetar a sua vontade no mundo, construindo-o a sua maneira, de acordo com as suas condições materiais e com sua vontade².

A época da informação também pode ser considerada como a época da alienação. As elites sejam elas políticas, econômicas ou religiosas, perceberam desde cedo que conhecimento é poder. Um homem cheio de certezas, mas vazio de conhecimentos é o instrumento perfeito nas mãos dos mantenedores do *status quo*, pois ele não oferece resistência às ideias e aos valores que lhes são impostos pelas instituições sociais, ou seja, é um homem destituído de vontade própria, pois vive segundo ordens morais que lhes são impostas pela sociedade. É um homem livre, mas ao mesmo tempo escravo das limitações de seus próprios valores e crenças.

A humanidade inegavelmente atingiu o seu grau máximo de liberdade em relação à natureza. A ciência revelou ao conhecimento dos homens questões que pareciam obscuras e inexplicáveis como os fenômenos naturais, a evolução, a dinâmica do universo, os caracteres adquiridos, as estruturas moleculares e a existências de partículas subatômicas, não obstante, tais questões ainda continuam sendo desprezadas pela maioria da humanidade, por quê?

A liberdade tem um preço, e o preço da liberdade é a consciência. Muito embora, triste e frustrado, vejo-me obrigado a reconhecer que a maioria da humanidade não está preparada para a liberdade. Mas o que significa ser livre?

² Karl Marx. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 7ª Ed, 2002.

Para Schopenhauer³, ser livre é ter consciência da sua condição de ser humano limitado e incompleto. E aceitar esta condição de forma consciente e parcimoniosa. Neste sentido ser livre é querer conscientemente exercer a sua condição de liberdade, desta forma, podemos afirmar que para Schopenhauer a liberdade é fruto da consciência e da vontade.

Para Nietzsche, ser livre é exercer a sua vontade despida de preconceitos, de rancores ou de medo. É reconhecer o seu eu interno, e afirmá-lo através do pensamento e da ação. Todo ação livre é uma ação afirmativa de uma individualidade consciente de seus próprios limites e possibilidades. Neste sentido para Nietzsche, ser livre é ser o que se é aceitando esta condição de forma ativa e buscando sempre a superação de si mesmo⁴. A liberdade não é uma condição, mas sim uma conquista, a qual você nunca poderá tê-la, mas poderá exercê-la ao longo de inúmeros momentos de sua vida. O verbo que a humanidade conjuga, segundo Herder não é o ser, mas o estar, pois tudo na vida humana é passageiro e efêmero, e por isso mesmo belo, pois é único.

Para o filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre, ser livre não é fazermos aquilo que queremos, mas querer-ser aquilo que se pode. O homem não é a soma do que tem, mas a totalidade do que ainda não tem e a busca do que poderia ter. Pois quando exercemos o nosso papel no mundo, ainda que fôssemos surdos, mudos e inertes como uma pedra, a nossa própria passividade seria uma forma de ação. É fato comprovado que não fazemos aquilo que queremos e, no entanto segundo Sartre, devemos entender que somos em última instância

³ Schopenhauer, Arthur. **Da morte Metafísica do Amor e do Sofrimento do Mundo**. Rio de Janeiro. Martin Claret, 2002.

⁴ Sobre esta temática consultar: JULIÃO, José Nicolao. **A experiência da Superação em Assim Falou Zaratustra**. Revista eletrônica o que nos faz pensar. Nº 21, maio de 2007.

responsáveis por aquilo que somos. O homem não pode desejar nada, a menos que antes compreenda que ele só pode contar primariamente consigo mesmo e com sua força de auto-realização. Fora disso ele está sozinho, abandonado na terra, sem outros objetivos a não ser os que ele mesmo estabelecer, sem outro destino a não ser o que ele próprio forjar, com as suas próprias mãos, lágrimas, suor e sangue⁵.

Generalizações a parte, podemos afirmar que tudo começa e termina na mente, ou seja, na nossa forma de assimilar a realidade. Parafraseando o poeta alemão Goethe, podemos afirmar que quando nós pensamos de forma positiva e trabalhamos duro para conquistar nossos objetivos parece que o universo inteiro conspira em nosso favor. Seja pelo prisma da filosofia ou da poesia a liberdade só existe quando há consciência e para existir consciência deve-se possuir saber. Somente uma mente enriquecida por alguns dos diversos saberes que a humanidade já produziu é capaz de perceber a riqueza da realidade.

No mundo moderno após a afirmação dos estados nacionais e do desenvolvimento de seus aparatos burocráticos. O conceito de liberdade perdeu em partes o seu sentido egoísta e passou a ser associado à noção de necessidade. A relação entre liberdade e necessidade foi um tema largamente discutido nas ciências humanas, sobretudo na filosofia onde esta reflexão trasladou-se do domínio da teologia e da metafísica para o domínio da teoria política onde encontrou grande expressão nas ideias de Rousseau, Kant e Hegel

Tal como afirma o pesquisador Cezar Augusto Ramos (2009) em seu artigo intitulado "*The Hegelian concept of freedom as being with oneself in one's other*", uma das tarefas de um bom número de filósofos da modernidade consistiu, e a meu ver ainda consiste em buscar compreender a liberdade na trilha da intuição espinosiana, analisando

⁵ SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1997.

do a liberdade como sendo o princípio concernente ao agente que tem em si mesmo a razão do agir. Vista por este prisma a liberdade pode ser definida, inicialmente, como um direito subjetivo de fundo antropológico e que visa à preservação da vida, tal qual foi proposto pelo jusnaturalismo lockeano.

Porém, segundo Ramos (2009), não podemos nos esquecer de que a liberdade progressivamente se “desnaturaliza” dando lugar a uma nova interpretação centrada na ideia de vontade autoreferente do sujeito que se determina por si mesmo, nas versões apresentadas por Rousseau, Kant e Fichte que são associadas diretamente com a noção de autonomia.

Acompanhando as considerações de Ramos, vimos que em seu artigo afirma-se peremptoriamente que a originalidade da filosofia de Hegel consiste no fato de que ele supera as aparentes dicotomias entre sociedade e indivíduo e entre outras dicotomias do mesmo gênero, tais como as de natureza e espírito e de necessidade e liberdade. Essa pretensão conciliadora caracteriza para Ramos a relação entre a objetividade e a subjetividade, no que tange a questão da dialética da efetivação da liberdade, cujo conceito deve ser de tal forma amplo para que possa compreender tanto o aspecto da autonomia como também o seu outro, ou seja, o reconhecimento formal das estruturas sociais externas.

A oposição formal entre estas duas faces não constitui a melhor solução para Ramos, pois para ele a evidente constatação deste dualismo não deve servir de impedimento para a articulação dialética entre ambas. O equívoco desta oposição consiste em manter o afastamento destas faces, eliminando a possibilidade de mediação de uma face pela outra, com o objetivo de alcançar uma unidade que permita uma plena realização das mesmas.

Acompanhando as reflexões do referido autor, podemos aferir que o método especulativo que Hegel propõe, permite articular na

própria estrutura auto-referencial da liberdade a necessária dimensão da objetividade, ou seja, toda liberdade real é coletiva e não individual, pois tem relação com a exteriorização da ideia de liberdade. De forma simplificada e até mesmo simplificadora, podemos dizer que a ideia de liberdade não pertence ao indivíduo, mas sim ao espírito, daí o seu caráter coletivo. Desta forma, a liberdade objetiva para Hegel é aquela que é materializada através da ação racionalizadora do Estado que se impõe coletivamente sobre os indivíduos atendendo as necessidades e os anseios de liberdade da razão do espírito.

O que deve caracterizar a liberdade é, precisamente, a conciliação entre os dois pólos que a constituem, que inegavelmente são aparentemente dicotômicos: o aspecto subjetivo que ampara a moralidade e a objetividade institucional das ações humanas que fundamenta a realidade social. Ao rejeitar a estratégia kantiana-fichteana de tratar a alteridade da liberdade como algo oposto, cuja relação antitética garante a autonomia do eu, segundo Ramos (2009), Hegel avança no sentido de superar a dualidade do conceito de liberdade. O pressuposto racional autoreferente da liberdade não deve ser abandonado, mas ele deve ganhar efetivamente sua realização em seu outro – a objetividade.

Neste sentido, podemos perceber nas reflexões de Hegel, a permanência do sentido do conceito de liberdade moral kantiano, que pressupõe em suas teses sobre a filosofia da história a liberdade como um projeto coletivo da natureza humana, que tende a se realizar de forma coletiva atendendo aos desígnios apriorísticos de auto-realização da liberdade. Desta forma, podemos perceber que em Kant, bem como em Hegel, a liberdade tende a se efetivar de forma coletivamente socializada, ou seja, a experiência individual da liberdade só pode ser experimentada em uma sociedade humana livre.

Segundo Ramos, *“a despeito dessa alteridade, o sujeito permanece em si mesmo, mantém a identidade na sua diferença. Este lado, contudo,*

não representa a estranheza de uma oposição irreconciliável, mas a própria liberdade “ex-posta” nas realizações das ações humanas que se manifestam na objetividade da vida social, e cuja realidade efetiva constitui a organização das instituições políticas e éticas, ou seja, expondo a dimensão da face objetiva da liberdade”⁶

Ao analisarmos esta citação de Ramos, notamos que é, precisamente na articulação destes dois aspectos que para Hegel a liberdade se traduz como manifestação do espírito na ação social dos homens, momento em que a vontade livre, está junto de si no seu outro, ou seja, se auto-reconhece coletivamente. Assim, a liberdade como estar consigo, não se restringe à sua mera referência. Ela requer a força mediadora de uma ação reflexiva para efetivar o seu caráter e se afirmar: na presença de uma “outridade” que se perfaz como o seu outro, uma ordem institucional (social, jurídica e política) que representa a efetivação da liberdade subjetiva, elevada ao estatuto da objetividade. Algo que, afinal, não lhe é estranho, pois é reconhecido como integrando a própria identidade de uma subjetividade livre.

Ao longo das reflexões de Ramos, podemos perceber que ele demonstra que em Hegel, o caráter restritivo da liberdade, que para ter vigência legal e moral manifesta-se como limitação recíproca dos arbítrios, é superado por formas objetivas de uma liberdade efetiva que é reconhecida por todos na qual, segundo Hegel, o espírito está consigo mesmo, junto de si no seu outro. Segundo Ramos, é preciso ressaltar que a categoria do reconhecimento exerce um papel crucial na articulação das duas faces da liberdade, pois a intrínseca e necessária conexão entre elas é realizada pela dialética do reconhecimento, cuja dinâmica implica compreender o indivíduo na dimensão de uma identidade intersubjetiva reciprocamente reconhecida como membro

⁶ RAMOS, Cesar Augusto. **The Hegelian concept of freedom as being with oneself in one's other.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Filosofia Unisinos 10 (1): 15-28, jan/abr 2009 p 26.

de uma substancialidade ética, o “nós” do espírito objetivo, ou seja, a totalidade da sociedade e suas dinâmicas sociais objetivas.

De certa forma, podemos destacar que ao longo da evolução do pensamento humano, formaram-se no campo da filosofia dois pólos distintos e até certo ponto auto-excludentes no que tange ao entendimento da ideia de liberdade. De um lado estão filósofos como Aristóteles, Rousseau, Kant, Locke e Hegel, entre outros, que defendem dentro de diferenciações evidentes o princípio da realização da liberdade pela via da associação perfeita e harmoniosa entre os indivíduos, ou seja, a liberdade se efetiva coletivamente no momento em que os indivíduos se reconhecem nas instituições sociais, superando o estágio de alienação que opõe de forma dicotômica as vontades individuais e as vontades coletivas.

Neste pólo, os conceitos de liberdade e necessidade não são auto-excludentes e em certo sentido até se complementam. A condição de racionalidade da vida humana somada a sua condição eminentemente coletiva faz com que os indivíduos tenham que conviver com as autoridades externas que se efetivam por meio das instituições sociais como a família e o estado.

Neste sentido, ser livre é ter domínio da capacidade de ação, mas agir no mundo de forma harmoniosa sem ferir os limites impostos pelas barreiras sociais que permitem uma convivência pacífica e até mesmo o auto-reconhecimento entre os indivíduos. Para tais pensadores, muito embora seja um simplismo aferir tal afirmação, ser livre é viver segundo a ordem das coisas contemplando as vontades de uma racionalidade coletiva que se manifesta através das instituições sociais, ou seja, somos livres para agir, desde que ajamos conforme as regras e convenções socialmente estabelecidas.

Em outra tradição filosófica que se afasta em grande medida desta primeira tradição epistêmica, podemos citar autores da envergadura de Schopenhauer, Nietzsche e Sartre. Esta tradição afasta-se

de forma veemente da perspectiva contratualista da relação do homem com o estado e do estado com a sociedade, ou com o próprio indivíduo. Neste pólo da filosofia ocidental, a associação entre liberdade e necessidade é rechaçada em detrimento de uma perspectiva individualista auto-afirmativa que coloca o indivíduo em última instância como sozinho, em certo sentido, em oposição ao mundo social e responsável único e exclusivamente pelas conseqüências de suas próprias ações. Nós somos o que fazemos, parafraseando Sartre, nós somos o resultado de nosso próprio projeto

Muito embora, em se tratando de uma reflexão filosófica, não possamos rechaçar nenhuma perspectiva, somos impelidos a buscar uma maior aproximação com a segunda tradição, visto que, esta nos possibilita uma aproximação mais lúcida com a teoria do poder, pois ao se falar de liberdade somos automaticamente obrigados a considerarmos o problema da autoridade. Como bem demonstrou Weber⁷, em sua clássica sociologia da dominação, a autoridade é construída mediante a produção de uma legitimação, que faz com que uma ordem ou imperativo externo ao indivíduo seja acatada como princípio inviolável e que se imponha ao indivíduo quase como uma vontade.

Uma ordem dentro de uma situação legítima de poder é quase sempre convertida em vontade de ação, pois o imperativo da vontade de quem produz tal ordem é revestida de uma autoridade, que muito embora seja externa, ela se impõe quase que como uma necessidade à consciência do indivíduo. Tal situação filosófica anteriormente exposta, da origem ao velho jargão tantas vezes repetido pelo senso comum de que “manda quem pode e obedece quem tem juízo”, ou seja, obedecer é um juízo moral que é imposto à consciência dos subalternos por aqueles que detêm as instâncias de produção dos valores formativos das consciências sociais.

⁷ WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília, UnB, 2001

Tal reflexão paulatinamente nos levará a percepção de que o querer tal como afirmou Albert Einstein, nunca é um querer livre, por que ele é carregado *a priori* por valores pré-formatados pela consciência daqueles que detêm as esferas legítimas da produção de saberes políticos, econômicos, científicos e religiosos, em suma, das representações simbólicas. Portanto, a meu ver a vontade não é o fundamento da liberdade, mas sim a consciência.

É importante ressaltar que esta não é a consciência do espírito que pretendia Hegel ou uma consciência produzida a partir da práxis do mundo do trabalho como sugeriu Marx, nem mesmo a consciência de nossa própria finitude como sugeriu Herder, ou até mesmo a consciência da pequenez humana diante da amplitude do universo como vem demonstrando a história do desenvolvimento do pensamento ocidental. É outra consciência que ainda não é possível conceituar de forma precisa, mas que acreditamos partirá da apreensão de todas as anteriores para formar uma representação do que é o homem e de qual a natureza da sua relação com o mundo.

É obvio que não pretendemos aqui tangenciar de alguma forma uma conceituação para esta forma de consciência, mas acreditamos em sua possibilidade de existência efetiva na práxis social da vida humana. O caminho para produzi-la não é certo nem preciso como também não o é, nada mais no mundo dos homens, porém mesmo sobrecarregados de incertezas, não titubeamos em afirmar que a estrada mais precisa para produzirmos este nível de consciência é a Educação.

Não esta Educação contemporânea, baseada em princípios pedagógicos que estão fundamentados em noções muito distantes do entendimento teórico e prático da existencialidade da vida humana. Uma Educação que sirva para a vida prática dos educandos não pode ser baseada em tabus ou em noções do senso comum tal qual vivenciamos atualmente.

Em termos nietzscheanos deve ser uma Educação para espíritos livres feita para todos e para ninguém, ou seja, ela não pode ter outra finalidade senão a de possibilitar ao indivíduo humano a compreensão reflexiva de seu próprio mundo. Ela não pode carregar o peso de objetivos individualistas e egoístas de cunho econômico, político ou religioso que se escondem por detrás da incapacidade e da ignorância daqueles que executam de forma quase sempre cega, mas às vezes apaixonada as diretrizes do sistema educacional.

Pergunte a você mesmo, quantas vezes ao longo da sua vida já conheceu pessoas que agem de forma bem intencionada, mas que por não terem uma consciência abrangente do que estão fazendo acabam por causar mais danos do que benesses. Este indivíduo bem intencionado, tão bem definido na obra do Marques de Sade⁸, é o fiel da balança para o sistema, pois ele veste a camisa e acredita que esta fazendo a coisa certa, que esta mudando o mundo, que é ético, profissional e empenhado, mas no fundo, ele não é nada mais do que um instrumento, um mero instrumento nas mãos daqueles que vivem a vida de forma menos ingênua.

O conhecimento deve possibilitar ao indivíduo romper com as correntes invisíveis, mas reais, que através da tradição o impedem de exercer a verdadeira liberdade. Que de certa forma pode ser definida como a aceitação, o reconhecimento e a projeção de si mesmo no mundo, reconhecendo a si mesmo nos outros de forma não harmônica, mas suportável, ou seja, ser livre é algumas vezes ter a liberdade de não exercê-la em função da consciência de que o outro é também livre para transgredir a tênue linha que separa os nossos direitos dos nossos deveres e da nossa vontade, sem a qual não seria possível a vida em sociedade e conseqüentemente não haveria a cultura.

⁸ SADE, Marquês de. **A Filosofia na Alcova, ou, os Preceptores Imorais**. Tradução Augusto Contador Borges. São Paulo. Iluminuras 2008.

Desta forma, arremeto-me ao que fora anteriormente exposto para aferir que o fundamento da liberdade não é à vontade, mas sim a consciência, se é nela que a vida humana tornasse possível. Neste sentido, liberdade não é fazer o que quer, ou simplesmente querer. A liberdade é a autoconsciência que dá sentido a tudo isso, e que por isso mesmo é capaz de compreender a essência do querer e do fazer.

Ao longo da composição desta breve análise, utilizei-me do pensamento de diversos pensadores que souberam de acordo com o seu tempo indagar sobre a idéia de liberdade. Tenho certeza de que minhas reflexões não estão à altura da densidade ou da sistematicidade e da abrangência de suas obras, mas sei que eles entenderiam que dentro da minha pequena sala, combatendo os meus próprios moinhos de vento, eu não poderia me furtar ao direito de exercer a minha liberdade. Se eles foram livres para escrever eu sou livre para interpretar, estou apenas exercendo a minha liberdade. E volto à questão: o que é mesmo a liberdade?

Esta sem dúvida é uma pergunta muitas vezes feita, muitas vezes respondida, mas poucas vezes compreendida. Como bem enfatizou Cecília Meireles *“Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda...”*⁹. Talvez por que a liberdade só possa ser alcançada com consciência, e muito embora o homem seja livre para alcançar este conhecimento, que é necessário para o desenvolvimento desta consciência, ele não consiga, pois quase sempre, é seduzido pela tranqüilidade que lhe é oferecida pela zona de conforto que ele ocupa. A liberdade tem o seu preço, ser livre é ter consciência disto. O homem livre é aquele que transcende

⁹ Romanceiro da Inconfidência, publicado em 1953. Nessa obra, Cecília Meireles procura evocar os tempos de ouro da Inconfidência Mineira [1789]. De todas as publicações da autora, o Romanceiro da Inconfidência é a única que mostra o rompimento do círculo do próprio “eu”, criando uma poesia menos pessoal, mais identificada com o mundo exterior do que propriamente com o universo íntimo e secreto da artista.

os limites da sua zona de conforto, e que consegue compreender que viver é difícil, mas que não seria belo se não fosse assim.

Como disse certa vez o grande poeta Vinicius de Moraes: *“Quem já passou por essa vida e não viveu Pode ser mais, mas sabe menos do que eu. Porque a vida só se dá pra quem se deu. pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu. Ah, quem nunca curtiu uma paixão nunca vai ter nada. Não há mal pior do que a descrença. Mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão abre os teus braços, meu irmão, deixa cair pra que somar se a gente pode dividir. Eu francamente já não quero nem saber. De quem não vai porque tem medo de sofrer”*. Tais pensamentos nos ilustram com uma salutar beleza poética esta dimensão da vida, pois a vida em sua dinâmica nos proporciona momentos de prazer e dor de alegria e tristeza, de satisfação e frustração, é ilusório querer negar isso. O homem livre é aquele que reconhece essa dinâmica e que consegue suportar a experiência da derrota e da vitória com sabedoria e parcimônia, sem soberba, arrogância ou qualquer sentimento de culpa, ou seja, o homem livre é aquele que é livre para acertar e para errar.

Diante de tudo que fora exposto, cabe uma ultima indagação. A liberdade de fato existe? Você meu querido leitor, que inebriado por muitos sentimentos me acompanhou até aqui, é “livre” para pensar! Estão pense....!

Referencias

EUZEBIO, Marcos Sidnei Pagotto. **Considerações acerca da Fundamentação da Metafísica dos Costumes de I. Kant**; Liberdade, Dever e Moralidade. *Notandum 14* <http://www.hottopos.com/CEMOrOCFeusp/IJI> – Univ. do Porto 2007.

JULIÃO, José Nicolao. **A experiência da Superação em Assim Falou Zaratustra**. Revista eletrônica o que nos faz pensar. N° 21, maio de 2007.

KARL MARX. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 7ª Ed, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Genealogia da Moral**. Companhia da Letras. 1ª edição, 2009.

RAMOS, Cesar Augusto. **The Hegelian concept of freedom as being with oneself in one's other.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Filosofia Unisinos 10 (1): 15-28, jan/abr 2009.

SADE, Marquês de. **A Filosofia na Alcova, ou, os Preceptores Imorais.** Tradução Augusto Contador Borges. São Paulo. Iluminuras 2008.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada:** Ensaios de Ontologia Fenomenológica. Vozes, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte Metafísica do Amor e do Sofrimento do Mundo.** Rio de Janeiro. Martin Claret, 2002.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** 1ª edição. Imprensa Oficial, SP. 2004.